

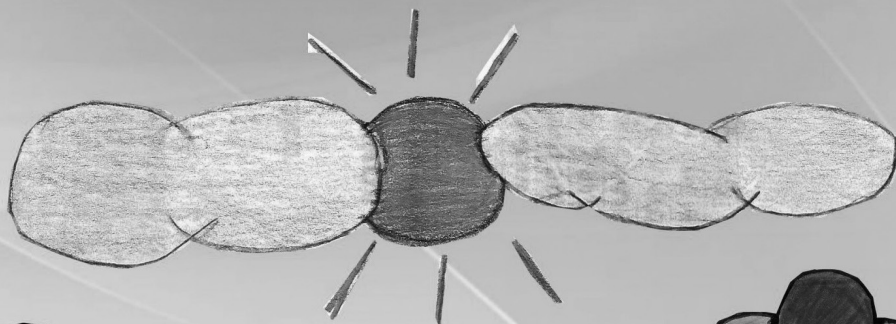
Contos do Prado

Parte integrante do Projeto
“Memória coletiva e afetiva de uma escola”
E.E. Deputado Silva Prado – 2013

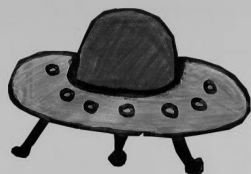
Coordenador do Projeto:
Professor Raimundo Justino da Silva

E. E. DEPUTADO SILVA PRADO

Cantos da Prado



Parte integrante do Projeto
"Memória coletiva e afetiva de uma escola"
E.E. Deputado Silva Prado – 2013



Coordenador do Projeto:

Professor Raimundo Justino da Silva

editora ilustra



Autoria dos Textos:
Alunos da E.E Deputado Silva Prado
Coordenador do Projeto:
Raimundo Justino da Silva
Revisão ortográfica e gramatical:
Camila Nascimento Freitas
Capa e Projeto Gráfico:
Flavio Martins

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)
(Câmara Brasileira do Livro, SP, Brasil)

Contos do Prado / [coordenador Raimundo Justino da Silva]. -- 1. ed. -- São Paulo, SP : Editora Ilustra, 2013.

Vários autores.

1. Contos brasileiros I. Justino da Silva, Raimundo.

CDD-869.93

Índices para catálogo sistemático:

1. Contos : Literatura brasileira 869.93

E.E Deputado Silva Prado

Rua Eng. Luís Antônio Rantin Moutinho, 296

Jardim Popular | São Paulo | SP | CEP: 03672-010

(11) 2043-2155 | 2043-3960

www.deputadosilvaprado.blogspot.com.br

editora ilustra
(11) 3409.0800
editorailustra@gmail.com



*Dedicamos essa obra a todos os alunos(as) participantes,
à direção da nossa escola E.E. Deputado Silva Prado,
ao professor Raimundo Justino da Silva,
pela dedicação e empenho para a realização desse projeto.*

Boa Leitura.

Índice

Raimundo Justino da Silva
Apresentação | 9

Morgana Amâncio Lima
Brincadeiras | 11

Nathalia Brenes
Minha Primeira Reza | 13

Beatriz Amaral
Lembrança: A vida é feita de momentos | 15

Vitória Regina Barbosa de Andrade
Quintal | 17

Vitória Maria Gonçalves
Castelos e Areias | 21

Fernanda Matos
Era uma vez | 25

O pior dia da minha vida
Danielle Martins Nascimento | 29

Aline Martins Góes
Família | 35

Fabício Antunes Gomes
Vida nova | 39

Gustavo Santos Alves
Perfume | 41

Vitor de Souza Rocha
Uma pequena tristeza | 43

Paulo Augusto
Teste | 45

Beatriz Isabelli
Um doce e uma travessura | 47

Natália Marasca
Lembranças vivas-mortas | 49

Laurineide Moreira Pinheiro
Amores e sabores | 51

Ilustrações:

Joseph Victor | 8 | 20 | 54
Nathan Silva | 24 | 28 | 34 | 38 | 55 | 56



Joseph Victor

*“O tempo passa e nem tudo fica,
A obra inteira de uma vida,
O que se move
E o que nunca vai se mover...”*

Theidy Correa

Quais são os cantos nos quais a Memória se esconde?

Quando começamos o projeto “Contos do Prado”, essa era uma das perguntas que sempre vinha à minha mente. A proposta era cutucar os alunos a procurar lá no fundo do baú de suas lembranças aquilo que havia ficado de mais intenso e marcante.

Nossa trajetória teve inspiração em outros autores, mas todos eles versando sobre “o que aconteceu quando eu era criança”.

Lemos textos que nos ajudaram a compreender que, sim, mesmo na adolescência, já estamos construindo e selecionando memórias, e que esse é um exercício primordial tanto para a compreensão da Ciência da História quanto para seu auto-conhecimento.

Após a primeira fase, fizemos o ritual da leitura coletiva de todos os textos, no qual nos emocionamos e rimos.

Agora, nosso fruto está maduro. É tempo de saborear e valorizar cada linha desse livro. É tempo de apreciar aquilo que é resultado do trabalho sério e carinhoso de professores e alunos de uma escola - vale o grifo – Pública!

Nossos agradecimentos à Coordenação, Direção e Funcionários da Escola Estadual Deputado Silva Prado; ao Flávio, da editora ilustra; à companheira de trabalho Laurineide, que assina o texto especial “Aromas e Sabores”; e aos pais e demais alunos que participaram do processo de produção do livro e do vídeo.

Raimundo Justino da Silva
Professor de História

Brincadeiras

Morgana Amâncio Lima

Minha infância foi ótima!

Adorava brincar com meus primos, primas, amigos, amigas aqui da rua, e muito mais... Brincávamos de esconde-esconde, pega-pega, escolinha, princesas, e muito mais.

Lembro especialmente do dia em que brincamos de esconde-esconde com nossas famílias. Eles tinham que achar a gente e colocar dentro de casa. Foi muito legal ver um monte de pais correndo atrás dos filhos.

Além de brincalhões, nossos familiares sempre foram muito responsáveis conosco.

Um dia fui andar de bicicleta aqui na rua e caí. Raspei meu joelho, doeu demais! Minha mãe cuidou de mim, e então melhorei. Eles brigam com a gente, mas nos amam. Tenho várias histórias desta época; algumas são tristes, outras alegres e assim vai...

Aqui no quintal tem três casas. Em cima minha casa moram minha tia e meu tio; embaixo eu e minha mãe, e nos fundos meu primo, a esposa dele, e sua filha. Vou todos os dias à casa de minha tia, e para subir tem escadas. Sempre caí nelas. E se antes ficava brava, hoje acho engraçado.

Sou assim mesmo, alegre nas horas em que é possível, tristes em outras. Alguns me acham chata. Também tenho ciúmes de todo mundo que gosto.

Acredito que não vou mudar de acordo com o que qualquer pessoa quer, mas posso ouvir as sugestões daquelas que me querem bem.

Quem tem sentimentos entenderá o que quero dizer...

Minha primeira reza

Nathalia Brenes

Sobre minha infância tenho muitas coisas para contar, mas falarei aqui do dia em que fiz minha primeira reza.

Eu tinha mais ou menos dois anos de idade. Era uma noite fria, e meu pai estava fora porque trabalhava como caminhoneiro. Como minha irmã e eu tínhamos medo de dormir sem ele, minha mãe decidiu rezar.

Ela começou:

- Pai nosso que está no céu.

Eu respondi:

-Tá trabalhando...

Claro que eu estava falando tudo errado, mas minha irmã cochichou: “Continua mãe!”.

Minha mãe, que já estava rindo, continuou:

- Santificado seja o vosso nome.

Eu respondi:

-Na minha casa...

Minha mãe continuou segurando o riso:

- Seja feita a vossa vontade.

Eu respondi:

- Quero pão com manteiga!

Minha mãe não conseguia continuar: começou a gargalhar alto!

Essa foi minha história de infância. Sei que nunca vou esquecê-la...

Lembrança: A vida é feita de momentos

Beatriz Amaral

Agora eu sei exatamente o significado da palavra lembrança. Palavra que tem mil significados, mas só quem tem sabe dizer exatamente qual é o verdadeiro.

Eu mesma sei. Lembranças são aqueles momentos que vão ficar guardados para sempre em sua memória. E uma das melhores lembranças que eu tenho é da minha infância.

Eu acho que quase todas as meninas sonhavam em ser uma linda princesa onde o seu príncipe chegava em um cavalo branco para nos resgatar da Madrasta Má, e assim viverem felizes para sempre.

E comigo não foi diferente, eu sonhava ser a Cinderela, pois achava o príncipe dela o mais lindo de todos.

Hoje me arrependo de não ter aproveitado essa fase da vida que nunca mais vai voltar.

Minha infância foi demais. Eu brincava de escolinha, mamãe e filhinha, pega-pega e principalmente de ser a Princesa encantada, a Cinderela. Nessa época eu brincava muito com Milena, minha prima, lembro.

Até hoje lembro o dia em que eu e ela caímos da bicicleta pela primeira vez, ou quando a gente brigava pois uma tinha pegado a roupa da boneca da outra.

Lembranças: a vida é feita de momentos. É a pura verdade.

Minha infância foi um momento mágico na minha vida, onde eu pude sonhar de verdade e principalmente ser FELIZ!

Quintal

Vitória Regina Barbosa de Andrade

Minha infância foi muito boa. Adorava brincar com meus primos, em nosso quintal. Brincávamos de escolinha, e eu era a professora, chicotinho escondido, cantores, esconde-esconde, detetives, cientistas, príncipes, princesas, fadinhas, casinha, comidinha e etc...

A gente morava em um quintal com três casas; a da frente era do meu primo, a do meio minha, e a do fundo da minha prima.

No nosso quintal, meu tio tinha feito uma casinha em cima do poleiro das galinhas com escada e até portinha. Então eu e minha prima gostávamos de brincar de casinha: ela era minha mãe e eu sua filha.

Minha prima é um mês mais velha que eu, mas na brincadeira tinha uns trinta anos e eu uns vinte. Assim fingíamos que eu ia trabalhar e que comprava coisas no mercado.

Colocamos um gabinete; eu pegava minha boneca (bebê), e então minha mãe cuidava dela enquanto eu estava fora.

Outro dia... Minha mãe, (a verdadeira) fez umas cabanas para nós. Na brincadeira, uma era a casa que morava com minha prima; a outra era uma feira na qual meu primo fingia trabalhar. Nosso quintal era cheio de plantas, então ele colocava-as na feira para vender.

Eu e minha prima saíamos para comprar. Eu ia no banco do nosso “carro”; andávamos bastante de bicicleta pois a nossa rua era sem saída. Havia dias ruins quando brigávamos, mas tudo voltava ao normal.

Lembro que um dia à noite, eu e meus primos pegamos uma lanterna cada um e ficamos procurando pistas de alguma coisa que não sabíamos bem o que era.

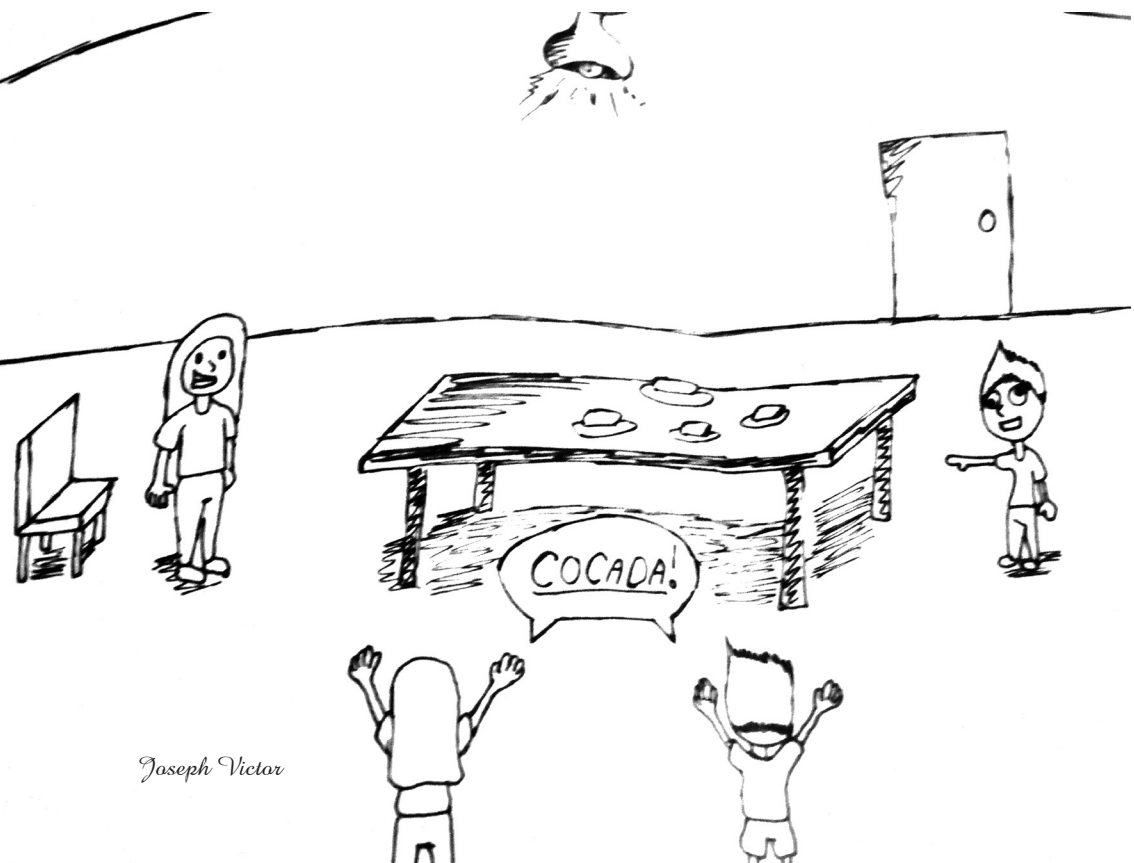
Quando olhei pro céu, vi um monte de cores, luzes piscando e girando... Aí gritei:

- Olhe! São alienígenas! Então corremos pra dentro de casa.

Não acredito em “alienígenas”, mas também não sei até hoje o que era aquilo no céu...

Aproveitei muito meus tempos de criança, mas agora que estou na adolescência vejo que é muito bom também. Conheço pessoas diferentes, amigos verdadeiros.

Quando for adulta, sei que terei muita saudades desse tempo, mas continuarei tentando fazer o que mereço para conseguir ser feliz...



Joseph Victor

Castelos e areias

Vitória Maria Gonçalves

Infância...

Uma época que marca a vida qualquer um. Me lembro de muitas histórias. De cada brinquedo, cada desenho que assistia.

Lembro-me também do mundo mágico de quando entrávamos nas brincadeiras. E esse mundo era repleto de aventuras. As grandes escadarias, o jardim do castelo, e o berço de balanço eram algumas peças que faziam parte desse mundo incrível.

Lembro como se fosse ontem de quando caí da grande escadaria, e por pura magia não tive nenhum arranhão.

Minha imaginação era muito fértil, e eu fazia das tripas coração para manter essa magia. A casa da minha vó era um grande castelo, onde existia um reino encantado.

Havia outro reino, porém, no qual todos eram espões. A regra era andar escondido sem ser visto por ninguém. Também tínhamos de achar tesouros no fundo do “mar negro”, ou na verdade apenas achar pedras jogadas no fundo da piscina do prédio em que morava.

Andar pra cima e para baixo de “moto” e me sentir uma verdadeira motoqueira. Ou na verdade apenas ser mais uma criança andando de bicicleta.

Além de todos esses reinos encantados, teve um que me marcou muito: a praia. Eu não me lembro da primeira vez que fui à praia, mas me lembro das grandes aventuras que vivi por lá.

Não era apenas a praia em si, era ver o mar, andar de bicicleta, e ver meus amigos do prédio. Me lembro de todas as brincadeiras, mas a que eu mais gostava era brincar de “risadinha”, uma brincadeira que nós inventamos.

Era assim: todo mundo sentava no banco que tinha no salão de jogos do prédio, e todos tinham que fazer palhaçadas. Lá eu conheci pessoas inesquecíveis, e fiz amigos que levarei pro resto da vida.

Tive também muitas paixões de infância. Pessoas que já foram verdadeiros príncipes para mim, e hoje são grandes amigos.

Nunca poderei dizer que não tive infância, pois todo mundo já teve uma. Todo mundo tem histórias pra contar, e momentos pra relembrar da melhor época da nossa vida...



Nathan Silva

Era uma vez

Fernanda Matos

Num reino tão, tão distante vivia eu, uma garotinha que sonhava em ser uma princesa e encontrar um príncipe encantado, sonhava em casar com um vestido rosa, e ser professora quando crescer.

Para falar a verdade tenho poucas lembranças da minha infância, mas todas que tenho são de bons momentos. Era sozinha, não tinha ninguém pra dividir a brincadeira e passava a maior parte do tempo brincando de casinha no meu quarto.

Não era de aprontar muito, por isso não tenho historinhas do tipo: “caí e me machuquei toda”.

Assistia a filmes de princesa, e depois ficava me imaginando no lugar delas. Fazia dos lençóis um vestido, a vassoura se tornava meu príncipe, e eu me sentia num castelo.

Passava o dia assistindo desenhos: Bob Esponja, Castelo Rá-tim-bum, Tom & Jerry, Ursinhos Carinhosos, entre outros.

Me lembro claramente da época em que colecionava pôsteres, e álbuns de figurinhas, e queria me vestir igual as atrizes das novelas.

E as brincadeiras? Roupa-bandeira, esconde-esconde, escolinha... Quem nunca brincou?

É meio estranho a gente lembrar dessas coisas. Apesar de não ter passado muito tempo, dá pra ver como tudo mudou. A infância não existe mais, as crianças não brincam, não assistem desenhos e vivem num mundo de pura tecnologia, acabam crescendo sem viver a magia da infância.

Hoje penso: “Como eu era feliz e não sabia!”. Como eu queria que a Disney volta-se a ser meu mundinho

particular, quando meu motivo pra chorar era porque não chegava a tempo pra assistir a TV Globinho.

E se se eu pudesse voltar? Sim, eu queria voltar naquele tempo, em que eu não precisava me preocupar com nada.

Agora eu sei que crescer não é tão legal assim, viver nesse mundo onde pessoas se odeiam e matam a si mesmo, onde ninguém dá valor a vida que tem.

E o amor? Simplesmente não existe mais. Preferia ter ficado no meu outro mundo, de princesas e príncipes, de sonhos, imaginação, de fantasia, e do eterno “e eles viveram felizes para sempre” .



Nathan Silva



O pior dia da minha vida

Danielle Martins Nascimento

Me lembro desse dia como se fosse hoje.

Eu tinha oito anos e morava na mesma casa da minha prima, Luana. Para não ficarmos sozinhas depois da escola minha mãe colocou a gente numa “escolinha” chamada Proerd.

Era assim: nós entrávamos na escola às 7h da madrugada e saíamos as 11h da manhã; depois íamos para casa nos trocar e ir para o Proerd ao meio dia.

Nesse dia eu tava meio gripada e fiquei dormindo o tempo todo na sala. Só acordei na hora de comer e ir pra casa.

No refeitório eu sentei sozinha. Em uma mesa do lado, minha prima sentou com uns meninos. Em cinco minutos ela brigou com eles e disse desse jeito:

- Minha prima Danielle é mó forte, ela vai pegar os cinco na saída e vai bater em vocês!.

Eu dei um pulo da cadeira e gritei:

- O quê?!

Os meninos levantaram e vieram na minha direção me perguntando:

- Você é a prima da Luana que quer bater em nós?!

E eu pensei bem antes de responder:

- Sim, eu sou prima dela! Mas bater em vocês eu não quero, porque vocês são tão comportados, não fazem mal pra ninguém... eu jamais iria querer bater em vocês.

Os meninos nem ligaram para o que eu disse. Falaram que iam catar eu e a burra da Luana na saída.

Naquele momento passou sono, passou a gripe, passou tudo! Eu estava em alerta só esperando o sinal tocar pra correr o máximo até chegar em casa.

Assim que o sinal tocou, eu e a Luana fomos as primeiras a sair. Ela, esperta, sempre foi mais magra e rápida do que eu. Então na descida de casa, ela sumiu naquela ladeira que parecia um foguete!

Eu, como sempre, fiquei pra trás e pra minha desgraça os meninos estavam correndo atrás de mim. Tirei forças do além e corri sem parar. Mas fui pega na esquina de casa!

Acho que faltavam uns quinhentos metros até o caminho da luz (casa). Eu pensei que ia morrer; mas apareceu a tia da escolinha!

Eu já sem fôlego gritei com todas as minhas forças:

- Socorro! Tia Socorro!

Ela olhou, e veio em minha direção. Eu contei para ela, e os meninos “foram embora”.

Logo depois encontrei um grupo de meninas, colegas da escola; e nesse momento os meninos ressurgiram. As meninas, vendo a cena, sumiram feito pó!

Aí voltei a correr. Consegui entrar, fechei o portão, sentei no chão. Só pensava que tudo tinha acabado, então gritei:

- Obrigada, Deus! Eu tô viva!

A Luana me ouviu e saiu. Começou a dar risada. Depois olhou para os meninos que estavam no portão e disse:

- Agora vocês não podem mais pegar a gente!

Eles olharam um pra cara do outro e pularam o muro de casa.

Naquele momento minha vontade era de pegar a Luana e quebrar todos os dentes dela, mas eu não tinha tempo pra fazer aquilo, então corri, cheguei na cozinha e me deparei com meu tio, só de cueca! Me olhando nervoso:

- Porque você tá gritando?

Os meninos entraram, mas logo depois meu tio os expulsou. Aí eu pensei: “Agora sim eu estou livre!”, mas quando olhei para trás, vi meu tio vindo em minha direção prontinho pra me bater.

A Luana, espertinha, foi mais rápida que tudo pro quarto. Eu não tinha mais forças pra correr e deixei ele me bater.

Quando minha mãe chegou, apanhei de novo. Enquanto isso, Luana, bonita, ficou dando risada da minha cara, naquele que foi o pior dia da minha vida!



Nathan Silva

Família

Aline Martins Góes

Desde pequena, eu e minha mãe tínhamos o costume de todas as tardes brincarmos juntas. E quase todos os dias, meu tio Felipe passava a tarde toda com a gente.

Nós brincávamos de tudo, casinha, boneca, pega-pega, esconde-esconde, jogos infantis, e muitas outras brincadeiras. Mas a gente adorava mesmo era pegar aquela espuma que sai do tanquinho e fazer guerra. Também gostávamos de fazer balão.

Quando eu completei três anos de idade, ganhei minha primeira irmãzinha, a Amanda.

Parecia uma boneca, eu sempre ajudava minha mãe com ela. Por ser mais velha, eu a segurava no colo, dava mamadeira, e até mesmo fazia ela dormir no carrinho de bebê.

Me lembro que uma vez eu virei as costas por um minutinho, e a danadinha desceu pela parte debaixo do carrinho e saiu engatinhando pelo chão.

Conforme ela crescia, em tudo ela queria me imitar. Em tudo mesmo.

Aos cinco anos entrei na pré-escola. Mas sem meu pai saber. Ele não queria deixar eu ir de jeito nenhum. Então todos os dias, eu e minha mãe esperávamos ele sair para trabalhar e levantávamos correndo da cama, nos aprontávamos e ela me levava para a escolinha, que é bem pertinho da minha casa.

Um dia porém, minha avó paterna chegou no meu pai e conversou com ele; contou que eu já estava frequentando o pré. Mesmo contrariado, ele aceitou.

No meu segundo ano de pré-escola a minha mãe me contou um “segredo” que só nós duas sabíamos.

Ela estava esperando um bebê. Eu fiquei tão feliz que o nosso segredo se espalhou para todo mundo da minha escola.

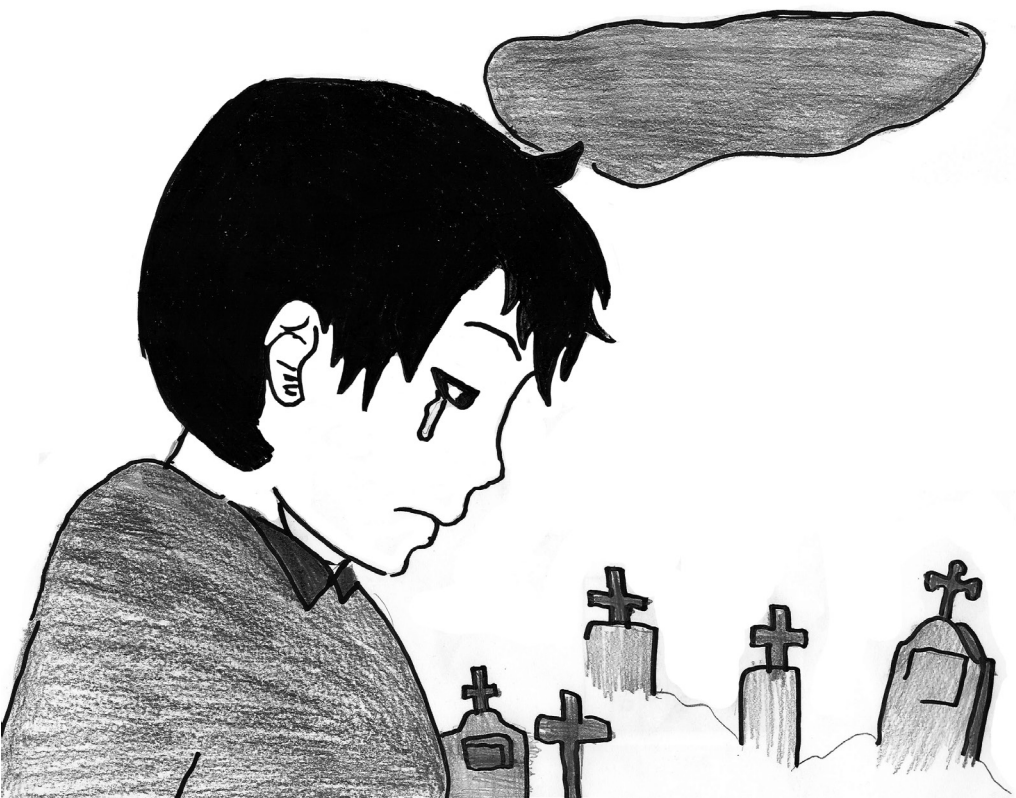
Mas infelizmente meu pai não queria um terceiro filho, e fazia de tudo pra ela perder a criança. Nós sofremos muito nessa época.

Em 2005 nasceu o Anderson. Saudável, uma criança linda. No dia em que minha mãe chegou do hospital eu estava na casa da minha avó paterna, e fui a primeira a segurar o Anderson no colo. Naquele dia meu pai se arrependeu de tudo, ficou bobo diante do bebê. A família toda dizia que era a cara dele, e era o primeiro filho homem.

E eu já tinha dois irmãozinhos, lindos !

E em 2006 nasceu o Cristian para completar a família. Apesar de todas as dificuldades que vivemos, somos felizes, unidos e nos amamos.

Nathan Silva



Vida nova

Fabício Antunes Gomes

Na minha infância ocorreram coisas boas e ruins, mas vou contar o que mais marcou; foi quando, aos sete anos, descobri que minha mãe usava drogas. Quando eu era menor, eu ia bastante para a casa da minha madrinha. Eu ficava muito tempo lá, porque nesse período minha mãe dormia demais. Eu acabava tendo que cuidar do meu irmão pequeno, que é especial.

A partir daí, eu comecei a juntar todas as peças. Eu não tinha muita noção de como era aquilo, mas sabia que minha mãe não ficava bem. As outras pessoas da família não sabiam ou fingiam não saber. Com frequência, minha mãe esquecia de me pegar na escola, ou esquecia que eu não tinha chave e trancava a porta ao sair.

Certa vez, saí da escola ao meio-dia e fiquei até as nove da noite na casa da vizinha, esperando alguém chegar.

Um certo dia, meu tio, irmão da minha mãe, me levou para dormir em sua casa. Foi o estopim para uma crise. Meu pai deixou, mas minha mãe, que me acusava, sem razão, de não querer ficar com ela, não queria deixar.

Começou a brigar comigo. Eu me assustei e tentei pegar o celular para ligar para meu pai. Ela me agarrou, minha mãe é grande, forte e disse que se eu tentasse sair ela ia me matar. Neste exato momento meu pai chegou. Este foi um dia decisivo, no qual resolvi que não queria mais ficar com ela de jeito nenhum.

Hoje tudo se resolveu; ela foi embora e eu já não a vejo há muito tempo. Moro com minha nova mãe e meu pai. Além de meu irmão, ganhei uma nova irmã, filha da minha madrasta.

Minha mãe foi morar com a mãe dela. Não desejo seu mal, mas também não quero saber dela, porque me magoei muito. Agora estou bem, feliz, e espero que essas lembranças ruins fiquem somente no passado.

Perfume

Gustavo Santos Alves

Um certo dia eu estava na casa da minha vó brincando com meus irmãos. Certa hora fui ao quarto para calçar um tênis, e desastrado, sem querer derrubei um vidro de perfume.

Minha irmã viu e correu para limpar; depois fomos para nossa casa. Achamos que estava tudo limpinho, porém ainda dava para sentir o cheiro do perfume quase pela casa toda.

Quando chegou, minha mãe sentiu do portão o cheiro forte. Ela foi até o quarto e viu que por ali havia alguns cacos de vidro.

Então ela perguntou:

- Quem fez isso?

Silêncio. Ninguém respondeu.

- Bem, já que ninguém respondeu, os três vão pagar o perfume e pedir desculpa.

E ainda apanhamos; mas aprendemos a lição. Me senti mal por meus irmãos terem sido culpados, e resolvi contar a verdade à minha mãe, que ficou feliz por eu ter assumido o erro.

Uma pequena tristeza

Vitor de Souza Rocha

O que marcou a minha vida e principalmente a infância foi a perda do meu pai. Ele sempre foi meu amigo. Nas horas em que eu precisava, ele estava lá pra me ajudar.

Do que eu mais me arrependi foram as brigas que tive com ele principalmente por influencia do que outras pessoas falavam dele. Como eu era pequeno, acreditava, mas quando cresci percebi que o que as pessoas queriam era me afastar dele.

Eu tive muitas tristezas com ele, mas também muitas alegrias. No fim, ele precisou muito de mim e dos meus irmãos, porque estava muito mal.

A única vez que meu pai me bateu foi quando eu tentei afogar a minha irmã; eu só tinha cinco anos era muito sem noção ainda.

Não posso me queixar de tristeza por não ter mais pai, pois sou muito feliz com a minha mãe. Infelizmente, não convivemos tanto porque eles se separaram muito cedo. O motivo foi a bebida do meu pai, causa da morte dele.

Gostava e gosto muito dele, mas isso foi apenas um obstáculo que eu tive que passar. Não vou deixar de viver pois a vida continua quero continuar estudando para dar muito orgulho pros meus pais, e ser alguém na vida.

Tudo o que eu faço, penso nele, é uma das minhas motivações para continuar em frente. Eu prefiro ser alegre do que andar de cabeça baixa e ficar lembrando do passado, porque só vai me fazer ficar triste.

Levantei e continuei em frente. Tudo isso me abalou muito, mais eu tinha com quem contar. Tudo isso marcou a minha vida. O futuro está aí e não sei se vêm coisas boas ou ruins, mas estou pronto para tudo o que vier.

Teste

Paulo Augusto

No dia do meu teste fiquei muito ansioso para jogar e muito contente com a primeira oportunidade.

Nesse mesmo dia acordei 7h da manhã, tomei café e fui para o Canindé. Chegando lá vi alguns jogadores do time da Portuguesa e consegui até pegar um autógrafo. O dono do time, então, chamou todos os meninos para fazer o teste.

Chegando no campo eu me exercitei e fiquei muito empolgado para jogar. Joguei bem, fiz gol e até o tecnico me aplaudiu. Eu fiquei muito contente. Mas na hora que acabou, pensei que ele ia falar quem passou no teste, mas não falou.

O resultado ia sair na Internet. Saindo do campo agradei o tecnico e fiquei na expectativa: “será que eu passei?”

Fui pensativo pra casa, ansioso por ver o resultado. Chegando lá, a lista dos aprovados... Meu nome não estava.

Nem por isso abaixei a cabeça. Fiz teste em outros lugares e hoje estou me preparando para quem sabe, um dia, ser um jogador profissional.

Um doce e uma travessura

Beatriz Isabelli

Minha infância foi bem vivida, muitas emoções e muito apetite. Convivi muito com minha irmã e meu primo. Foi a fase mais legal da minha vida.

Duas coisas que eu nunca vou esquecer. A primeira foi um dia a minha avó estava fazendo pão recheado para o almoço, e cocada de pia para a sobremesa.

Depois de almoçarmos, nossa avó pediu para esperarmos um pouco para comer a cocada. Mas aquela cocada estava tão linda e estava nos chamando. Aí cada um pegou uma colher. A ideia era pegarmos só as bordas da cocada; mas estava tão gostosa que não dava pra parar.

Aí comemos metade do prato. Minha avó brigou, ficou brava. Mas no final ela deu o restante para nós.

A segunda coisa foi quando eu, meu primo e minha irmã estávamos jogando futebol lá fora. Eu subi nos degraus de uma escada e comecei a dançar. Meu primo ficou tentando acertar a bola em mim, até que conseguiu. Bateu bem na minha cara.

A bola derrubou meus óculos, que se partiram ao meio. Corremos para colocar durex, mas nossa avó percebeu e brigou com eles dois. Comigo ela não brigou por que eu era a menorzinha de todos e comecei a chorar.

Lembranças vivas-mortas

Natália Marasca

Minha infância ainda está viva na minha cabeça. Me lembro de meus primos que aprontavam todas. Toda semana nos reuníamos em uma casa enorme, que no total eram três casas.

Cada casa era uma brincadeira diferente, mas a casa que mais marcou a minha infância foi a do fundo. Nesta casa não morava ninguém. Estava esquecida. E ela instigava nossa curiosidade e a nossa imaginação. Na época, havia muitos filmes de zumbis.

Até que um dia assistimos um desses filmes. Gostamos muito dele, até que alguém inventou uma brincadeira de imitarmos o grupo sobrevivente. Todos toparam. Era uma mistura de “Polícia e Ladrão” com horror survival.

Porém, a nossa história não era qualquer uma. Não era uma brincadeira qualquer. Inventávamos a história até os mínimos detalhes. Dividíamos cada função para cada um, e depois saíamos brincando pela casa. Era muito divertido para nós, e assustador para as outras crianças.

Nunca tivemos medo de zumbis, pelo contrário, planejávamos uma estratégia caso acontecesse um apocalipse zumbi. Claro que isso talvez seja impossível, mas era bacana passar um tempo falando sobre a possibilidade. O tempo foi passando, mas nunca paramos de pensar em zumbis.

Essa brincadeira ficou no passado, entretanto, ainda falamos de zumbis. Comparado a outra época, somos mais realistas. Conversamos sobre filmes, livros, notícias, jogos tudo do gênero relacionado a terror. De George A. Romero à experiências governamentais, os temas são variados. Nada de filmes de zumbis românticos, modernos, ou até mocinhos: só zumbis sedentos por carne humana. Sempre que encontramos um dos nossos primos, de cara perguntamos:

- E aí, assistiu algum filme de zumbi bacana recentemente?

Aromas e sabores

Laurineide Moreira Pinheiro

É engraçada a ligação que tenho com as especiarias Cravo e Canela. Desde pequena, gosto da combinação destas duas palavras. Sem falar no cheiro que exalam...

Sexta-feira à noite, por volta das 19h, já era possível ver o resultado daquele festival de aromas: as travessas na mesa sempre duas ou três, com um arroz doce que encantava pelo visual e aroma. Feito pela minha mãe e às vezes com ajuda do meu pai, era o prato preferido dele nesse dia.

Nada de pizza ou qualquer outra coisa: era o arroz dos deuses. Com um toque especial feito com rapadura, ficava moreninho e trazia o sabor do nordeste para dentro de casa.

Ficava olhando a mesa por vários minutos: a combinação dos pratos polvilhado com canela me fascinava. Quando chegava a hora de nos servir, amava aquele sabor! Fazia viagens na minha imaginação daquele momento tão prazeroso.

Aquecimento com polichinelo, agachamento e corrida no lugar. Era a preparação para o treino. Depois começávamos a correr na área de casa, dois pequenos seguindo o pai. Adorávamos compartilhar aquele tempo com ele, nosso super herói, trabalhador e atleta. Depois de uma jornada no Frigorífico no qual trabalhava, pegava seu carrinho de pipoca e ia vender na pracinha onde fazia a alegria de muitas crianças; chegava em casa com disposição para um treino e o aquecimento era nosso momento mágico.

O auge era sentar nas suas costas para ele fazer flexão de braços com meu peso, já que naquela época eu era tão leve como uma pena para ele. Com cheiro de suor, corpo molhado e respiração ofegante, meu pai retornava do treino na Avenida Imperador e dizia:

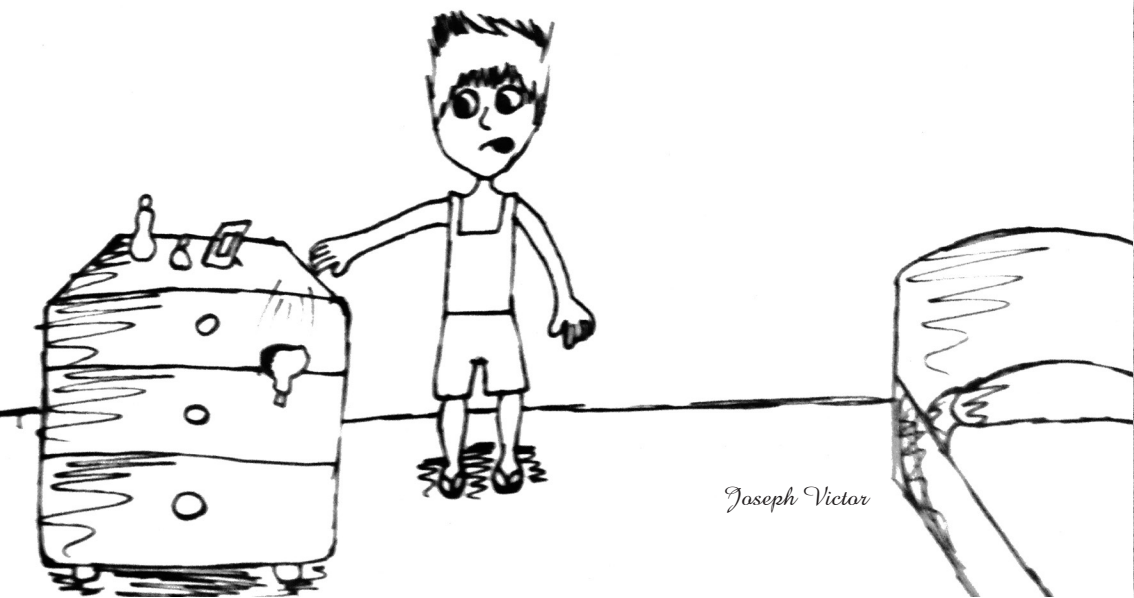
- Vamos só mais uma volta! Deixem de ser molengas ! No domingo vamos correr no clube!

A pista de corrida profissional era gigantesca para uma menina tão pequena. A arquibancada era imponente e uma volta completa era muita coisa... Mas com o apoio e insistência dele, eu conseguia até duas voltas.

Nessa hora, o que não tinha preço era perceber que nas últimas passadas ele fazia questão de me deixar chegar na frente. Eu ficava numa alegria radiante e então era colocada em seu ombros como vitoriosa. O sabor era inigualável, ou talvez pudesse comparar aquele momento com aquele no qual apreciava o sabor do arroz doce dos deuses.

A lição de tudo isso: nunca desista do seu objetivo; não trave uma luta contra o tempo e tente aproveitar cada singular momento; seja contemplando algum ingênuo fascínio ou compartilhando preciosos segundos com quem se ama. Traga consigo os aromas e sabores doces, para fazer a vida valer a pena.

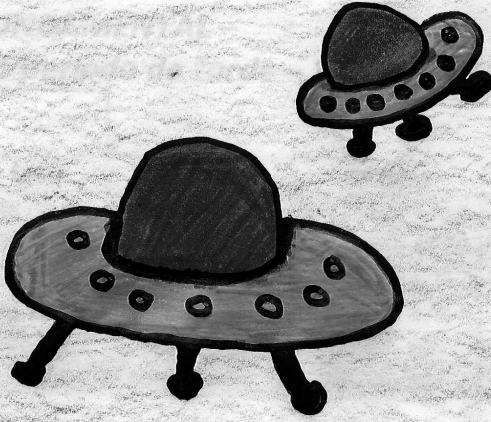
Aos oito anos perdi meu pai, mas seus gestos e lições ainda fazem parte de mim.



Joseph Victor



Nathan Silva



Nathan Silva

